

RUA REV. PAULO LÍCIO RIZZO

Lei nº 2036 de 13-05-1959

Formada pela rua 2 do Jardim Margarida e rua 3 da Vila Esmeralda

Início na rua Cônego Pedro Bonhome

Término na rua Benedita Franco Gomes

Vila Esmeralda

Obs.: Lei promulgada pelo Prefeito Municipal José Nicolau Ludgero Maselli. Sugestão da denominação de rua apresentada por Alaor Malta Guimarães, na edição de 07-04-1957, do "Correio Popular".

PAULO LÍCIO RIZZO

Paulo Lício Rizzo nasceu em Campinas, em 23-outubro-1922 e faleceu em São Paulo, em 11-março-1957. Era filho do reverendo Miguel Rizzo Junior e Maria Lício Rizzo e foi casado com Cecília Borges Rizzo com quem teve três filhos: Lilia, Irene e Paulo Marcos. Após seus primeiros estudos Paulo Lício cursou o ginásio do Instituto Mackenzie, ingressando a seguir no Seminário Teológico de Campinas. Para especialização seguiu para os Estados Unidos, onde fez seus estudos no Seminário Teológico da Universidade de Princeton. Nesse país, nasceu seu primeiro filho e foi pastor da Christ Presbyterian Church, de New Bedford. Exerceu cargos como: redator do jornal "Aurora Evangélica", mensário dos evangélicos luso-americanos; de Diretor do Departamento de Português da Escola de Línguas do Exército Americano; de secretário da revista "Unitas"; de professor Assistente da Escola de Administração de Empresas da "Fundação Getulio Vargas"; de professor de Português da "União Cultural Brasil-Estados Unidos"; de colaborador dos jornais "O Tempo" e "Diário de São Paulo"; coordenador do Treinamento da "Ford Motor Company Exports, Inc". Deixou publicadas as seguintes obras: "Reestruturação do Mundo de Após Guerra", conquistando o prêmio internacional da Liga das Nações; "Pedro Maneta", romance, conquistando o Prêmio Getúlio Vargas, do Ministério do Trabalho; "Biografia de Joaquim Nabuco", premiada no concurso sulamericano, por ocasião do Centenário do Nascimento de Joaquim Nabuco; "Antes que a Noite Desça", ensaio, menção honrosa da Associação Paulistas dos Escritores; "Panamericanismo de Nabuco e do Senador Gillette", premiado pela Unesco e pelo Ministério da Educação. Deixou ainda quatro livros prontos, porém sem publicação, além de traduções diversas. A morte veio surpreendê-lo exercendo as funções de Chefe do Setor de Relações Públicas da Ford Motor Company e de secretário da revista "Unitas".



2036

LEI N. 2036, DE 13 DE MAIO DE 1959
DA O NOME DE REV. PAULO LÍCIO RIZZO A
UMA RUA DA CIDADE

A Câmara Municipal decreta e eu, Prefeito do Município de Campinas, promulgo a seguinte Lei:

Artigo 1.º — Fica denominada Rev. Paulo Lício Rizzo a via pública que abrange a Rua 2 do Jardim Margarida e a Rua 3 da Vila Esmeralda, a qual tendo início na Rua 1 do primeiro loteamento, termina na Rua 2 da Vila Esmeralda.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 13 de maio de 1959

JOSE' NICOLAU LUDGERO MASELLI

Prefeito Municipal

ENG. JOSE' BENEDITO DE MELO

Secretário de Obras e Serviços Públicos

Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura Municipal, em 13 de maio de 1959.

ALVARO FERREIRA DA COSTA

Diretor do Departamento do Expediente

7-4-1957

Reminiscência de Paulo Lício Rizzo

— Alair Malta Guimarães —

“Há homens que são como as velas; sacrificam-se, queimando-se, para dar luz aos outros”.

— Vieira —

“E quando deixei o jornal, pela madrugada, segui por ali, rua Dr. Quirino acima, até o velho casarão, sede antiga do Seminário Presbiteriano. Lembro-me de que me sentia ansioso e feliz — pois é sempre verdadeira a palavra do velho trágico ao afirmar serem felizes aqueles que levam consigo boas notícias.

A boa notícia era para o Paulo Lício Rizzo, que fazia, ali, então, o curso de Teologia: num certame oficial de romance e novela a que concorrera com dezenas de candidatos, havia obtido o primeiro prêmio: seu trabalho, “Pedro Maneta”, fora julgado o mais humano, o mais servidor, o de mais vivência no sentido e na expressão com que vira e descrevera a obra do homem que trabalha”.

Assim começa o bom Ernesto Alves Filho o seu humano, sentimental e carinhoso artigo de 24 de março de 1957.

O mundo...
E, o mundo tem dessas coisas. Quando poderia supor, Ernesto Alves Filho, que poucos anos mais tarde, no mesmo jornal, com o coração partido, dilacerado mesmo pela dor da perda irreparável, levaria ao conhecimento da cidade a morte daquele que, poucos anos antes fora seu colega de escola, daquele a quem, uns tantos anos antes, ele Ernesto, fora o portador da boa notícia.

E mais além, prossegue Ernesto: “E pouco viveu, — porque viveu muito. A corda se fizera muito tensa, muito esticada; a energia teria que consumir-se mesmo muito de pressa. Os anos foram muito curtos, mas que vida intensa a vibrar na grandeza daquele coração! Viveu aquela abundância de vida mencionada por Jesus Cristo para aqueles que se juntarem com Ele.”

E foi assim: Paulo Lício Rizzo, viveu a vida muito de pressa. Eu, particularmente, muito embora não o conhecesse pessoalmente, conhecia-o por vê-lo passar defronte à minha casa, quando eu residia à frente do Seminário, à rua Aquidabam.

O Ernesto, por esse tempo meu ilustre desconhecido, por ali também passava acompanhado de sua exma. consorte e da ilustre prole. Bom brasileiro, esse Ernesto.

Mas falemos de Paulo Lício Rizzo, esse que, atendendo ao chamado do Senhor, nos privou do prazer da sua companhia, da sua sabedoria e da sua amizade.

Paulo Lício Rizzo, falecido a 11 de março próximo passado, em S. Paulo, muito embora residisse ultimamente em S. Caetano onde era pastor da Igreja Presbiteriana da localidade, nasceu em Campinas em 23 de outubro de 1922, sendo filho do Reverendo Miguel Rizzo Júnior, que nasceu em Cajuru em 11 de dezembro de 1890 e que foi pastor protestante pelo Seminário Presbiteriano de Teologia, em 1912, onde lecionou hebreu e eegese bíblica entre 1920/26. Foi professor de literatura da Escola Normal de Campinas — atual

Instituto de Educação, — em 1925, pastor desde 1927, redator da Revista “Fé e Vida” desde 1939, Diretor da União Cultural Editora, em 1944, jornalista em 1920, redator da Revista de Cultura Religiosa, de 1920/26. Autor de vários trabalhos, notadamente: “O Varão das Dores”, “O Manto de Púrpura”, “O Cântaro Abandonado”, “Lendas e Fatos”, “Religião”, e “Psicologia da Linguagem”. O Rev. Miguel Rizzo Júnior casou-se com dona Maria Lício Rizzo.

Provindo de tão ilustre descendência, era natural que Paulo Lício Rizzo viesse a brilhar, como de fato brilhou. Vivesse, ele, mais tempo, e teria galgado os primeiros postos da literatura nacional.

Casou-se com dona Cecília Borges Rizzo, filha única do pastor Rev. Borges, deixando, desse consórcio três filhos: Lília, Irene e Paulo Marcos.

Cursou, Paulo Lício Rizzo, o Ginásio do Instituto Mackenzie, o Seminário Teológico de Campinas e fez estudos de especialização no Seminário Teológico da Universidade de Princeton, nos Estados Unidos da América tendo nascido, nesse país, o primeiro rebento do casal, sendo, ainda, pastor da “Christ Presbyterian Church de New-Bedford (Portuguêsa).

Exerceu cargos como: Redator do jornal “Aurora Evangélica”, mensário dos evangélicos luso-americanos; de Diretor do Departamento de Português da Escola de Línguas do Exército Americano; de Secretário da revista “Unitas”; de professor Assistente da Escola de Administração de Empresas da “Fundação Getúlio Vargas”; de professor de português da “União Cultural Brasil-Estados Unidos”; de colaborador dos jornais “O Tempo”; e “Diário de São Paulo”; coordenador do Treinamento da “Ford Motor Company Exports, Inc.”

Deixou publicadas as seguintes obras: “Regstruturação do Mundo de Após Guerra”, conquistando o Prêmio Internacional da Liga das Nações; “Pedro Maneta” romance, conquistando o Prêmio Getúlio Vargas, do Ministério do Trabalho; “Biografia de Joaquim Nabuco”, premiada num concurso Sul-Americano por ocasião do Centenário do

Nascimento de Joaquim Nabuco; “Antes que a noite desça”, ensaio, mereceu honrosa da Sociedade Paulista de Escritores; “Pan-Americanismo” de Nabuco e do Senador Gillette”, premiada pela Unesco e pelo Ministério da Educação; “O Manual da Mocidade”.

Deixou mais os seguintes livros não publicados: “Duas cruzes e um cifrão”, romance; “Manquejando para a glória”, sobre a vida de Byron; “O bebedouro do Diabos”, romance, e “Dois de Dezembro” peça de teatro-comédia em 2 atos.

Traduziu: “Ao Sul de Saara”, vários sermões de Peter Marshall e uma infinidade de poesias.



A morte veio surpreendê-lo exercendo as funções de Chefe do Setor de Relações Públicas da Ford Motor Company e de Secretário da Revista “Unitas”.

Da obra de Ernesto Alves Alves, eis o seguinte trecho: “Campesino aqui estudou, se tornou e escreveu “Pedro Maneta” e outros ensaios literários. Aqui

terminou, no Seminário Presbiteriano, os estudos de teologia, e aqui se revelou escritor do mais alto discernimento e análise. Em todos os certames em que competiu, o jovem escritor campesino se apresentou com pseudônimos”.

São de Cesar Erbolato as seguintes palavras: “Grandes exemplos de honestidade, amor, bondade de carinhos deixou Paulo Rizzo para aqueles que tiveram a feliz oportunidade de conhecê-lo. As suas atitudes eram sempre exemplos de como devem agir as pessoas que têm bom sentimento. Auxiliava sempre quem podia; confortava indefinidamente; sofria — quando não podia aliviar o sofrimento

de seu semelhante. Acima de tudo, o sorriso melgo de Paulo Rizzo dissipava — preocupava — qualquer que fosse a sua dor.”

Mas, ele partiu. Partindo, dilacerou corações. Partindo, deixou as tetras nacionais um dos seus maiores valores. Partindo, deixou Campinas, seu berço natal, de brilhar através da sua incomparável pena.

Foi uma pena, essa pena de Senhor.

Daqui, o nosso apelo ao Pic feito Ruy Hellmeister Novais para que seja prestada a homenagem que esse ilustre campesino faz jus, dando a denominação de Rvo. Paulo Lício Rizzo a uma via pública da cidade.

Adm

CORREIO POPULAR

12 - 3 - 1956



FALECEU ONTEM, EM SÃO PAULO, O REV. PAULO LÍCIO RIZZO

Campineiro, aqui estudou, se formou e escreveu —
"Pedro Maneta" e outros ensaios literários

Faleceu ontem, em São Paulo, o rev. Paulo Lício Rizzo, natural de Campinas e ligado à sua terra não só por um permanente afeto, mas por factos notáveis em sua carreira de homem de religião e de letras. Aqui terminou, no Seminário Presbiteriano, os estudos de teologia, e aqui se revelou escritor do mais alto desortino e análise. Em Campinas, ainda no Seminário, em 1942, foi contemplado, por seu trabalho "Pedro Maneta", com o primeiro prêmio de romance e novela instituído pelo Ministério da Educação. Posteriormente outro seu trabalho em torno da obra e ação de Joaquim Nabuco obteve, pelo valor e substância, outro primeiro prêmio em concurso de entidade oficial pan-americana. Em todos êsses certames o jovem escritor campineiro se apresentou com pseudônimos.

O rev. Paulo Lício Rizzo, pastor da Igreja Presbiteriana de São Caetano, era filho do rev. Miguel Rizzo Jr. e da sra. Maria Lício Rizzo. Deixa viuva a sra. Cecília Borges Rizzo e três filhos menores: Lília, Irene e Paulo Marcos. O finado exercia ainda as funções de chefe do setor de Relações Públicas da Ford Motor Company em São Caetano e de secretário da revista "Unitas". Foi ainda pastor da Christ Presbyterian



Rev. Paulo Lício Rizzo

Church de New-Bedford (Portuguêsa) nos EE UU. O enterro deu-se ontem em São Paulo, tendo o féretro saído, às 15 horas, do Hospital Samaritano para o Cemitério do Redentor.

AM

NENTE ALVORADA

CORREIO POPULAR

24 de Março de 1957

Mais de quinze anos. A notícia havia chegado pelo telefone, já depois da meia noite. Mas fiquei, desde logo, alvoroçado. E quando deixei o jornal, pela madrugada, segui por ali, rua Dr. Quirino acima, até o velho casarão, sede antiga do Seminário Presbiteriano. Lembro-me de que me sentia ansioso e feliz, — pois é sempre verdadeira a palavra do velho trágico ao afirmar serem felizes aqueles que levam consigo boas notícias.



A boa notícia era para o Paulo Lício Rizzo, que fazia, ali, então, o curso de Teologia: num certame oficial de romance e novela a que concorrera com dezenas de candidatos, havia obtido o primeiro prêmio: seu trabalho, "Pedro Maneta", fora julgado o mais humano, o mais servidor, o de mais vivência no sentido e na expressão com que vira e descrevera a obra do homem que trabalha. Fazendo justiça ao nome desconhecido do jovem estudante e escritor campineiro, — aliás sob pseudônimo — reconhecendo a expressão independente e varonil de uma mentalidade que, forjada à luz do livre-exame, tinha olhos e visão para contemplar o homem e seu destino em meio das incertezas e lutas da vida, — o governo federal lhe concedera o primeiro lugar entre os concorrentes. Uma surpresa aguardava, aliás, os próprios membros da Comissão Julgadora, pois o pseudônimo não só escondia um nome desconhecido, mas revelava, ao depois, a presença de um jovem com nem ainda vinte anos...



Mas o que me tocou, naquela madrugada longínqua, foi o sentido puro e bom com que Paulo Rizzo recebeu a notícia: estava certo de que fizera coisa merecedora de aprêço, mas nem por um momento seus olhos deixaram de vislumbrar aquela serena expressão que era muito sua, aquêle modo muito seu de dizer as coisas como se viessem elas já de um mundo amadurecido na meditação. E nenhuma vaidade, nenhuma palavra de apêgo fútil ao que lhe sucedia. Pelo contrário: estando perto, bem me lembro, aquêle que viria a ser o sogro sempre companheiro, ouvimos todos — alguns amigos se tinham juntado a nós, ali de madrugada — as simples e características palavras de Paulo Rizzo:

— Bem... eu, de mim, estou muito contente. Mas, pequeno ou grande o sentido de tudo isto, devemos dar graças a Deus: eu gostaria de orar, se vocês me quisessem acompanhar...

Orámos todos, seguindo com êle, em silêncio, as palavras de gratidão que ia pronunciando na direção de Deus.

Que bem naqueles minutos! que humana mensagem dentro da noite! que plenitude de bem-aventurança! Suas palavras, na mesma onda luminosa das estrélas, lá em cima, foram ali um próprio "ex-libris", um sentido profundo de vida inteira, um reflexo daquilo que seria êle mesmo até o último suspiro. Colocava-se como o homem que, tendo feito um gesto, tendo pronunciado uma palavra, tendo escrito uma página, coloca tudo isso em função do que pode ser o pensamento do Senhor.

E não mudou. Depois, com os anos, escreveu muito mais. Ganhou outros prêmios. Lutou outras lutas. Mergulhou no problema social. Apaixonou-se mil vezes nesse fogo de paixão que só os infelizes apáticos, êsses medrosos deserdados da vida, não logram sentir. Teve anseios. Queimou. Uma centelha de simpatia rebentava sempre quando pressentia no homem a presença de companheiro, ou, mesmo que o não fôsse para si, a de companheiro de outro homem, — e tudo naquele mesmo sentido da velha oração da madrugada, enquanto os amigos o acompanhavam na direção de Deus...

E pouco viveu, — porque viveu muito. A corda se fizera muito tensa, muito esticada: a energia teria que consumir-se mesmo muito de-pressa. Os anos foram muito curtos, mas que vida intensa a vibrar na grandeza daquele coração! Viveu aquela abundância de vida mencionada por Jesus Cristo para aqueles que se juntarem com êle.

E saltou para a vida eterna, — um salto de plenitude para ali, ondê estivera, todos os dias, em permanente alvorada, seu imenso coração...

CDM